

Gunder Frank revisitado

Um “sistema mundo” francamente único

Teotónio R. de Souza*

O título do ensaio procura apontar para o cerne do desafio de André Gunder Frank, cuja presença era ansiosa e entusiasticamente esperada na inauguração da **X Semana Sociológica**, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, a 5 de Junho de 2003. O conhecido cientista social já tem repetido sob diversas formas e em diversas ocasiões as suas ideias centrais, desde o seu trabalho “Sociologia do Desenvolvimento e o Subdesenvolvimento de Sociologia” (1967) até à sua mais recente conferência “9th Wertheim Lecture” (1998) em que voltou a tratar do “pecado capital do eurocentrismo”. O tema escolhido para o colóquio internacional foi *Hegemonias, Ideologias e Mundialismos* e os organizadores sentiam-se honrados, pela disponibilidade expressa por André Gunder Frank para proferir uma conferência inaugural, que serviria para abrir um debate sobre a temática que tem sido o ponto fulcral das suas preocupações durante mais de meio século de investigação científica e acção social. A Fundação Calouste Gulbenkian responsabilizara-se com a sua habitual visão e generosidade, pela cobertura dos custos da sua deslocação e estadia. Um azar de última hora, nomeadamente, um acidente e uma intervenção cirúrgica, goraram as expectativas e deixaram desapontados muitos participantes que tinham acorrido sobretudo pelo desejo de ouvir um mestre cujos estudos e fama de sociólogo interventivo têm vindo a acompanhar desde há muito com grande respeito. Na ausência do orador principal, mas com a sua anuência, a conferência inaugural foi substituída por uma apresentação resumida de algumas das suas ideias-chave pelo coordenador científico do evento, o autor deste trabalho, Prof. Doutor Teotónio R. de Souza. O texto foi elaborado na base das referências bibliográficas e sugestões do próprio André Gunder Frank, que todavia não poderá ser responsabilizado por alguma imprecisão ou interpretação menos correcta apesar de todos os cuidados tomados em transmitir fielmente a análise, os desafios e as provocações do autor.

Queremos deixar igualmente registada a nossa gratidão a André Gunder Frank por ter aceite o nosso convite para fazer parte da Comissão Científica da Revista *Campus Social*, e achamos que esta síntese dos seus ensinamentos e conclusões das investigações vem ao encontro dos interesses do nosso projecto no âmbito de Ciências Sociais Aplicadas.

No prefácio para a recente edição coreana da sua obra *Re-Orient*, André Gunder Frank afirma que a grande maioria dos historiadores estudam as árvores e ignoram a floresta, particularmente a floresta global. Sem pretensões de ser historiador de uma qualquer árvore, André Gunder Frank não privilegia o Ocidente, ou alguma região específica da Ásia. Orgulha-se somente de ter sido o primeiro a analisar a economia global pré-1800 e a descobrir que a

*Coordenador da Licenciatura em História e do Mestrado em História Política e Social; Director do Centro de Estudos de História Comparada, ULHT, Lisboa; Membro da Academia Portuguesa de História.

Ásia ocupou um lugar de destaque e decisivo nessa economia. A ruptura da chamada “bolha asiática” em 1997, não é para André Gunder Frank uma indicação do fracasso asiático a longo prazo. Bem pelo contrário, considera que a extensão da recessão a partir da Ásia do Sudeste para o Ocidente, e não vice-versa, representa uma consequência da capacidade hiper-produtiva dos asiáticos, e sintoma do regresso à posição central que a Ásia ocupava antes do surgimento económico “temporário” do Ocidente moderno. Recorre à história para nomear as crises económicas que impulsionaram novos progressos. É de opinião que foi a crise de 1762-1790 no Ocidente, que preparou o caminho para a revolução industrial. Considera a auto-importância assumida pelo Ocidente ao colocar as suas capacidades excepcionais como a mola do progresso económico e da economia capitalista global, pelo menos desde 1500 (refere alguns mais ousados que situam as mesmas capacidades num horizonte temporal anterior ao AD 1000, associando-as aos valores judeo-cristãos, anteriores ainda ao nascimento de Cristo), como uma expressão triunfalista e um mito racista, sem qualquer fundamento histórico credível. Para André Gunder Frank o “despotismo oriental” e o “modo de produção asiático”, foram divulgados por Karl Marx, e reforçados por Max Weber através da sua história comparada de religiões, para concluir que a mística, a magia e o anti-racionalismo orientais não eram capazes de desenvolvimento capitalista. Para André Gunder Frank tudo não passa de uma inventona europeia para afirmar o seu excepcionalismo inexistente. André Gunder Frank defende uma visão global que não se limita aos particularismos do pseudo-cientismo “universalista” do Ocidente, e prevê um novo ciclo, após um século ou um século e meio de domínio ocidental, em que a economia global já está novamente em vias de *re-Orientação*. Conclui que a historiografia e a teoria social no Ocidente vão ter que ser também *re-Orientadas*.

Uma pergunta-chave que André Gunder Frank coloca quer à teoria sobre o sistema mundial quer a outros teorizadores é saber se existem ciclos históricos fundamentais padronizados que moldam não somente o presente e a história dos últimos 500 anos, mas também todo o passado humano. Até que ponto os actuais padrões do desenvolvimento cíclico tiveram origem apenas há 500 anos, com a emergência do “modo capitalista de produção” e do sistema moderno inter-estado, ou emergiram muito mais cedo, como foi sugerido em Frank and Gills, *The World System: Five hundred years or five thousand?* (London / N. York, Routledge, 1993)? Se, como parece evidente para os autores, estes padrões ultrapassam as transições entre modos de produção e poder hegemónico, então as implicações para a ciência social têm, de facto, um grande alcance, evitando que se caia na armadilha do “trans-historicismo”, que reivindica que a história mundial é toda a mesma. Não se nega a realidade da mudança constante e da reestruturação da economia do mundo. Longe disso. O que pretendem afirmar é que, no sistema económico do mundo sempre houve processos de acumulação, muito antes da emergência do “sistema capitalista moderno” e que os ritmos da expansão e da contracção do sistema/economia actual têm uma continuidade, que antecede a emergência do “sistema capitalista mundial” moderno. Estes padrões estão ligados à ascensão e ao declínio histórico dos poderes hegemónicos e

de deslocação dos centros de poder, cujas características fundamentais há muito antecederam os sistemas modernos dos Estados.

Gunder Frank não se opõe apenas às visões amputadas porque limitadas e ao estado-centrismo. Desafia-nos a acompanhar melhor a totalidade da experiência humana e a analisá-la holisticamente. Aponta tanto para uma macro como para uma micro-sociologia históricas como bases de qualquer teoria científica que pretenda compreender e formular uma política para o mundo moderno. Faz apelo a uma aproximação histórica do mundo, sem implicar que as actuais mudanças de condições do sistema mundial sejam irrelevantes ou uma mera distração. Defende que o objectivo verdadeiro dessas aproximações é o de informar e enriquecer a nossa compreensão e a ciência política para podermos orientar os processos socio-políticos que existem hoje e que queremos para o futuro.

Após duas décadas de concentração no desenvolvimento da crise contemporânea, Gunder Frank preferiu voltar ao estudo da história mundial. A sua preocupação inicial incidiu nos últimos 500 anos do desenvolvimento da economia do mundo capitalista moderno. Estendeu porém o estudo aos últimos 5.000 anos — para investigar as implicações desta longa perspectiva da história mundial e para propor uma teoria social alternativa. Vários artigos seus do início dos anos 90 estão incluídos como capítulos no já citado livro *The World System: Five hundred years or five thousand? (O Sistema Mundial: Quinhentos Anos ou Cinco Mil Anos?)*. André Gunder Frank coloca um acento humano-cêntrico em oposição ao eurocentrismo, defendendo que o sistema mundial contemporâneo tem uma história longa, em que a ascensão ao domínio por parte da Europa e do Ocidente são realidades relativamente recentes - e talvez acontecimentos transitórios. As suas principais premissas teóricas podem ser enunciadas de seguinte maneira:

- A existência e o desenvolvimento do sistema mundo estendem-se pelo menos a 5000 anos e cobrem o mundo inteiro. Não se limitam a 500 anos e aos sistemas-mundo (com hífen) fechados de Wallerstein.

- A acumulação do capital como força motriz da história [do sistema mundo] tem um longo passado. Amin identificou no passado distante os estados “tributários” e Wallerstein os “impérios mundiais”, mas alheios à lei económica de valor.

- As relações centro-periferia tão conhecidas dos analistas de dependência no sistema moderno, já existiram antes.

- Alternâncias periódicas entre hegemonias regionais e sucessão de rivalidades vêm de muito longe e não se limitam aos últimos cinco séculos.

- Ciclos económicos longos [e curtos] alternando com fases ascendentes [“A”] e descendentes [“B”] não são especificidades somente dos últimos cinco séculos.

Gunder Frank acha indispensável rever a história desde a idade de bronze, passando pela antiguidade clássica, fazer uma re-leitura da idade moderna, analisar as recessões dos inícios das décadas de 60, 70 e 80 do século XVIII, as crises da União Soviética e do Leste Europeu nos tempos mais recentes, e o período pós-11 de Setembro, para ilustrar e validar a participação sistémica, extensiva e persistente nas relações comerciais e políticas, incluindo relações centro-periféricas, hegemónico-rivais, e partilhando grandes e pequenos ciclos económicos, políticos e culturais.

Gunder Frank descobre as características de “sistema mundo” no 3º milénio antes da nossa era no sistema mundo que incluía Egipto, Mesopotâmia, Península Arábica, o Levante, Anatólia, Irão, o Vale do Indo, Transcaucásia, e partes da Ásia central. Cita um estudo de E.N. Chernykh (1993) sobre a antiga metalurgia na Rússia soviética, onde o autor inclui no sistema mundo uma série de províncias que se estendem desde Europa até à Ásia Central. Utilizando os trabalhos de Gordon Childe, P.J. James e outros, sugere os ciclos ascendentes e descendentes desde 3000 AC até 200 DC (cobrindo as idades de Bronze e de Ferro), cada ciclo correspondendo a quase 200-300 anos e com alternâncias de expansão e contracção simultâneas na Afroeurasia. Situa o ciclo mais notável da crise da idade de bronze entre 1200 AC a 1000 AC.

André Gunder Frank utiliza a investigação de George Coedes (1964) que descobriu a Grande Índia nos reinos indianos de Srivijaya e Majpahit em Samatra e Java (de actual Indonésia) e analisou a reorientação dos interesses comerciais indianos para o sudeste asiático como consequência das condições políticas no Mediterrâneo e Ásia central, que tinham causado uma escassez de ouro na Índia. A expansão cultural budista pela Ásia inteira é explicada em termos da famosa Rota de Seda que tinha as suas ramificações por terra e por mar. Comércio directo entre o império romano, Índia e África a partir do 1º século DC desferira golpe mortal aos centros urbanos da Arábia, especialmente do Iémen. Explicam-se assim as rivalidades e hegemonias que correspondem a essa reorientação do comércio.

André Gunder Frank encontra em Cícero referências aos problemas políticos nas fronteiras da China causados pelo pânico em Roma, e em Plínio referências ao défice de pagamento resultante das importações da seda chinesa para sustentar o luxo das mulheres romanas. Serve-se da obra de Frederick Teggart (1939) que analisou as relações de Roma e China, concluindo que estas ligações se estendiam para além da China. Vê o período que corresponde a 200 AC a 200 DC marcado por uma expansão simultânea de comércio entre vários impérios: China dos Han, Índia dos Kushanas, Irão dos Partos, Axium na África Oriental, e o império romano. Estavam interligados pela famosa Rota da Seda. O estudo de William McNeill, *Plagues and People*, 1976 (*Epidemias e Povos*), que analisa a expansão demográfica na fase A, e um declínio demográfico causado por epidemias, numa fase B, nos confins da Eurásia, desde China até Roma, permite a Gunder Frank compreender porque é que entre 200 e 500 DC, todo este “sistema mundo”, envolvendo quatro grandes impérios entra em colapso. Era resultado de uma crise sistémica pan-eurasiana dos Romanos, Partos, Kushanas e Han. As invasões bárbaras na China e em Roma, coincidem com as interferências hostis na Rota da Seda. Europa sofreu talvez mais do que os outros continentes nesta crise sistémica mundial, e conseguiu recuperar parcialmente após alguns séculos. De uma fusão de instituições romanas e germânicas no ocidente europeu surgiu o feudalismo e a Europa ficou na cauda do “sistema mundo” com instituições políticas primitivas e atrasadas. Europa recuperou, somente, quando conseguiu reintegrar-se na economia mundial centrada no Oriente.

André Gunder Frank lamenta que a história moderna que conhecemos e divulgamos seja distorcida e exageradamente eurocêntrica. Vê nisto um intenção consciente e muitas vezes inconsciente da história adquirida. Refere aos “sociological grand-fathers”, que em Portugal

poderíamos traduzir por “egregios avós” da sociologia e historiografia europeias. Toda a história moderna e económica foi sempre apresentada como determinada pela expansão da Europa e integração e modernização das Américas, da África e da Ásia “tradicional”. Procuram-se as raízes de modernização e do iluminismo dentro da própria Europa, em Roma e na Grécia antigas, dando pouca importância às influências “orientalizadoras” do Egipto e da Mesopotâmia sobre Grécia e Roma. A história afro-asiática passa despercebida apesar das suas contribuições de longo prazo para a modernização da Europa, mencionando de passagem a origem asiática de bússola, papel, pólvora, etc. – ignorando a arte de imprimir, que surgiu na China muitos séculos antes de Gutemberg ter nascido! A história económica é ainda mais eurocêntrica, irreal e anti-histórica. André Gunder Frank encontra no historiador William McNeill, autor do livro *The Rise of the West* (1963) um dos poucos investigadores que rejeitam o “excepcionalismo” das grandezas europeias ou do “milagre” europeu. Gunder Frank não reconhece nenhuma das grandezas invocadas no Ocidente na fase pré-moderna sem paralelos nas histórias doutras sociedades. Apresenta-nos mais alguns autores que conseguem demarcar-se do eurocentrismo exagerado, como Hodgson (1993) e Blaut (1992) que chamam a isso “história de túnel”, que não vê e não aprecia nada daquilo que vem de fora da Europa, esquecendo que a Europa não tinha em 1492 nenhuma superioridade em relação à África e à Ásia em termos de “modos de produção”, e não tinha nenhuma base para antecipar o domínio que iria adquirir três séculos mais tarde. Os cientistas políticos que estudam a hegemonia política estão habituados a citar a divisão do mundo entre Espanha e Portugal, ou as viagens de Colombo e de Vasco da Gama, como marcantes na história da humanidade. Sabemos como as recentes comemorações desses acontecimentos voltaram a reconfirmar à sociedade os seus benefícios e a justificar os danos colaterais. André Gunder Frank chama a atenção ao reverso desta visão nas teorias do “Orientalismo”, nas versões de Edward Said, Samir Amin e outros. O liberalismo europeu inventou um grande monólito oriental para o distinguir do “excepcionalismo” europeu. *The Rise of the Western World: A New Economic History* (1973) cujos autores, Douglas C. North e Robert Paul Thomas, ganharam o prémio Nobel de economia, não hesitam em atribuir a origem do “milagre” europeu à sua capacidade organizadora que a torna mais eficaz. Explicam a evolução das instituições modernas, especialmente o direito de propriedade privada, referindo-se à pobreza económica e aumento demográfico. Só que o resto do mundo não é contemplado neste estudo.

Recentemente, Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein tentaram afastar-se do eurocentrismo. André Gunder Frank fez o mesmo em *World Accumulation 1492-1789* (1978). Com a excepção de Braudel, escolheram 1492 para demarcar a história económica do mundo. Braudel aponta para importantes antecedentes, e defende que existiu uma “economia-mundo europeia” autónoma, ao mesmo tempo que a sua obra está repleta de informações da dependência da Europa num sistema-mundo mais extenso. Até os meados do século XVIII a principal actividade económica da Europa desenvolvia-se na Ásia. Braudel distingue entre “economia mundo” que se estendia ao mundo todo de uma maneira coerente, e “economia-mundo” (hifenizada) que era uma secção autónoma. Mas tanto Braudel como

Wallerstein são de opinião que não existia uma economia mundo “coerente” antes dos tempos modernos, mas ao mesmo tempo repetem que as “economias-mundo” estavam intimamente interligadas numa “economia mundo”. André Gunder Frank acredita, porém, que existia um “sistema mundo” coerente, e que a Europa não era o seu eixo. O mais que Wallerstein consegue admitir é que o Islão, a Índia e a China eram três grandes economias-mundo, talvez mesmo uma “super economia-mundo”. Reconhece que a chegada dos europeus ao Oriente faz surgir uma “quarta economia-mundo”. A obra recente *Before European Hegemony* (1989) de Abu-Lughod fez recuar o sistema-mundo euroasiático ao século XIII. K.N. Chaudhuri também analisou e demonstrou na sua obra *Asia Before Europe* (1990) a autonomia da economia asiática durante alguns séculos a seguir ao suposto surgimento do Ocidente, ou “Rise of the West”. Os três volumes de *Venture of Islam* (1974) de Marshal Hodgson ilustram o papel preponderante do Islão, que se mantém forte desde o século VII até ao século XVI, ou mesmo até XVII. O autor conclui que a modernização da Europa não seria fácil ou possível sem as invenções fundamentais do Oriente e sem a existência das redes comerciais que já funcionavam com grande eficácia no Oriente. Foi onde os europeus acumularam os capitais, que lhes serviram de recursos para a revolução industrial e para o domínio hegemónico. Não se pode falar de hegemonia europeia antes de 1750. Prevalencia sim a hegemonia asiática dos Ming / Qing da China, dos Turcos Otomanos, dos Mongóis da Índia, e dos Safávidas da Pérsia. O grande impacto da Europa foi o de injectar na economia eurasiática uma grande quantidade de prata americana. Isso deu-lhes um papel mais activo na economia asiática. As regiões economicamente importantes até 1850 eram a China, a Índia e o conjunto Médio Oriente – Ásia do Sudeste. A China e a Índia mantinham balanços comerciais em seu favor, e detinham igualmente a hegemonia política. Sem a prata americana e sem a mão-de-obra escrava teria sido impossível para a Europa cobrir os seus défices excessivos no comércio asiático. A essas hegemonias comerciais correspondiam igualmente a hegemonia cultural islâmica (turca e indiana) e a hegemonia cultural sínica. É nos meados do século XVIII que o “sistema mundo” centrado no Oriente entra na fase descendente B, com declínio simultâneo dos impérios Ming, Mongol e Safávida, o que permitiu à Europa uma ascensão rápida. Não foram somente as inovações tecnológicas, mas um conjunto de outros factores que justificavam a aplicação destas inovações na Europa. O Oriente não sentiu a necessidade de inovações tecnológicas enquanto dispunha de mão-de-obra barata, recursos alimentares adequados e matérias-primas abundantes para consumo interno e para exportações. Entre as exportações destacavam-se os têxteis indianos e a cerâmica e seda chinesas.

André Gunder Frank chama a atenção para três crises europeias na segunda metade do século XVIII, correspondendo à fase B do ciclo Kondratieff (1762-1790). Citando Braudel, destaca as reduções nos fluxos de moeda e de exportações que acompanharam as crises por toda a Europa, bancarrotas financeiras que afectaram Amsterdão, Berlim, Hamburgo, Bremen, Leipzig, Estocolmo e Londres. Não escaparam a Rússia, a França e a América do Norte. Tem havido pouco interesse entre os analistas do sistema-mundo em identificar as ligações entre as recessões na Europa como, por exemplo, com as grandes fomes na Índia nos anos

1770-1772. A legislação do Parlamento inglês através do *Tea Act* de 1773 tentou aliviar na Índia os problemas financeiros da Companhia Oriental Inglesa, mas teve as consequências que teve no mercado americano com a célebre “Boston Tea Party” e a Declaração da Independência em 1776. As convulsões políticas e a Revolução Francesa faziam parte da crise do mesmo “sistema mundo”.

O que é que terá corrido mal mais recentemente na União Soviética e no Leste socialista? As explicações dadas são geralmente de carácter ideológico e culpam o Estalinismo ou as reformas mal concebidas do Gorbachev. Mas sugere André Gunder Frank que as razões verdadeiras são as económicas e dizem respeito à totalidade da economia mundial. Trata-se de regiões que entraram em competição empunhando a bandeira socialista, mas com enorme desvantagem e atrasos à partida. Numa perspectiva real e não-ideológica, os esforços da união soviética e da Europa do Leste dirigiam-se antes de mais para acompanhar a corrida económica do que para construir o socialismo. Até tiveram bastante sucesso, mas o que mais contribuiu para a derrocada final não foi a ideologia socialista ou o planeamento económico, mas as diferenças históricas, e mais do que isso, as relações contemporâneas entre as duas partes da Europa na economia mundial.

A divisão da Europa em Ocidental e a do Leste vem do século XVI, ou talvez já do século IX, com o Rio Elba servindo quase de linha divisória. Já no século XVI a Europa ocidental exportava produtos manufacturados e a Europa do Leste fornecia produtos agrícolas e minerais. A Europa ocidental utilizou o seu acesso ao ouro e prata das Américas para pagar as suas importações e para colonizar o Leste europeu e mais além. É esta a divisão económica, política e cultural da Europa que se mantém até os nossos dias e vai-se manter nos próximos tempos. Não é por acaso que as populações do Leste europeu ou do “Segundo Mundo” querem entrar no “Primeiro Mundo” ocidental, mas vêem-se integrados no “Terceiro Mundo” do Sul e são vistos como uma ameaça pelos países capitalistas da Europa meridional.

Os esforços heróicos socialistas conseguiram aumentar os níveis industriais de produção e vários níveis de consumo, chegando ainda a melhorar as suas condições em comparação com algumas regiões do ocidente europeu, particularmente com o sul da Europa, nas décadas 50 e 60 do século passado. Conseguiram-no à custa de enormes dívidas contraídas com a Europa ocidental, que soube resolver as suas crises de recessão facilitando empréstimos ao Leste. Na década de 80, a União Soviética e o Leste europeu já não conseguia acompanhar o progresso tecnológico do Ocidente e o balanço do seu progresso face ao Ocidente ficou quase inalterado depois de várias décadas de esforço. A crise começou na década de 70 e agravou-se nos anos 80. Era a crise mundial que tinha afectado a inteira economia mundial, mas o impacto foi devastador para os importadores do petróleo. Entre estes estava incluído o Leste, não a União Soviética. Esta beneficiou até certo ponto com as exportações do seu petróleo. Mas estava dependente das importações do Leste europeu, que por sua vez dependia da tecnologia da Europa ocidental. Uma queda livre tornou-se inevitável quando caíram os preços de petróleo e de ouro a partir de 1981. A Rússia não tinha disponibilidade suficiente de divisas estrangeiras para importar directamente do Ocidente. O anúncio americano da Guerra de Estrelas e o envolvimento russo no Afeganistão contribuíram para

agravar as dificuldades do bloco soviético. Afirmava Estaline, pouco antes de morrer em 1953, que já havia dois sistemas mundiais a funcionar, um capitalista e outro socialista. Não era mais do que uma ilusão óptica. O socialismo não conseguiu fugir à polarização “centro-periferia” do único sistema económico mundial.

Como está este sistema mundial desde 11 de Setembro de 2001? Os prognósticos de FMI, OCDE e do governo dos EUA nunca bateram certos acerca do fim da recessão. Foram sempre muito optimistas. Esta falta de realismo é essencial para a sobrevivência do seu sistema político. FMI é um braço do departamento das Finanças dos EUA, e os seus cálculos servem para justificar políticas favoráveis aos americanos e aos seus grandes interesses económicos. Adoptam-se medidas que desfazem a moeda e as economias dos “Terceiro Mundo” e do “Segundo Mundo” para sustentar a relativa prosperidade económica do “Primeiro Mundo”.

André Gunder Frank e James Tobin (autor da proposta de «taxa Tobin») já tinham previsto e escrito nos meados da década de 80 acerca da ameaça da “deflação”, mas os planeadores continuaram a ignorar o aviso e a preocupar-se somente com o combate à inflação. Desde então, os preços dos bens de consumo têm baixado sistematicamente. No mundo económico, uma alta inflação em termos da moeda nacional e a sua desvalorização em relação ao dólar como moeda universal, têm provocado enorme deflação no resto do mundo. A desvalorização da moeda reduz os preços das exportações e permite comprar mais bens aos que dispõem de dólares, porque estes só custam o que custa aos EUA imprimi-los e pô-los em circulação. A nota de \$100 americanos é a que mais circula no mundo e controla a economia russa. Calcula-se que há duas a três vezes mais notas de 100 USD que circulam no resto do mundo do que dentro dos EUA. A prosperidade durante a administração do Presidente Clinton entre 1992-2000 teve por sua base a depressão, a deflação e o aumento da pobreza no resto do mundo. Durante a mesma década as expectativas de vida baixaram na Rússia em 10 %, a mortalidade infantil, o crime e os suicídios aumentaram mais do que nunca em tempos de paz. Desde 1997, as receitas da Indonésia baixaram em 50 % gerando a sua instabilidade política ainda em curso.

No entanto os EUA cobrem o seu défice comercial e orçamental com dinheiro barato. A deflação / desvalorização no mundo actua como imã que atrai o capital especulativo dos americanos e outros investidores, criando uma riqueza ilusória de Wall Street e sustentando os seus altos níveis de consumo. Os EUA estão super-endividados aos compradores dos seus “*Treasury certificates*” através dos bancos centrais pelo mundo fora, especialmente na Europa e no Japão, cuja recessão é em grande parte causada pela política financeira dos EUA. Não será fácil aos americanos escaparem da armadilha que eles próprios montaram com este sistema de auto-financiamento. O keynesianismo militar do Presidente Cárter em 1979, o aumento das despesas militares da OTAN em 3%, a colocação dos mísseis Pershing e Cruise na Alemanha para sustentar uma segunda guerra fria com a União soviética, eram tudo um cobertor de fumo para baralhar o mundo e culpabilizar a União soviética pela sua invasão do Afeganistão. Esta parece ter sido provocada pelos EUA (não inteiramente uma iniciativa russa) para justificar uma super-escalonamento militar com Guerra de Estrelas. Era

tudo financiado em grande parte com o pagamento forçado das dívidas dos países da América Latina, e pela entrada maciça de capital europeu e japonês para trocar os *Treasury Certificates* quando Volker fez subir os juros em 20%. Eram soluções para extrair os EUA da recessão de 1979-1982. A mesma estratégia continua sob o pretexto de defesa contra o terrorismo internacional após 11 de Setembro. Só que agora pode não haver dinheiro que continue a entrar nos EUA. A desvalorização do dólar poderá provocar uma fuga cada vez maior do capital americano. Os preços do petróleo em alto são bons para os produtores do petróleo, incluindo os interesses americanos envolvidos na sua extração e distribuição. As intervenções militares nas zonas petrolíferas são uma tentativa de sustentar a “Nova Ordem Mundial” inaugurada pelo Bush-pai em 1991. Diz-nos André Gunder Frank que são dois os pilares que sustentam esta Nova Ordem: (1) O dólar – “Tigre de Papel” – como moeda de reserva internacional e como moeda de pagamentos (2) A capacidade militar – “Dragão de Fogo” – para forçar o resto do mundo a acatar estas condições. Os alvos desta força podem ser todos que não estão ao lado dos americanos, porque foi mais de uma vez anunciado que “quem não está conosco está contra nós”! A defesa de direitos humanos e a guerra contra o terrorismo para proteger a “civilização”, não são mais do que meros pretextos. Na realidade os EUA só conseguiram enfraquecer a lei internacional, a democracia liberal, os direitos cívicos dos próprios americanos e gerar mais terrorismo. É importante notar que o pilar de força precisa de dólares para o sustentar, e o dólar enfraquecido não vai permitir isso muito mais tempo. As chantagens político-militares dos EUA poderão brevemente explodir-lhes na sua própria cara e destruir a todos nós também.

Para alguém que dedicou quase toda a sua vida de adulto ao combate ao capitalismo para o substituir pelo socialismo, André Gunder Frank veio ultimamente a defender que nenhum dos dois existem como sistemas autónomos, e que ambos são invenções ideológicas, ideologicamente motivadas. Enquanto não seja demasiado difícil hoje em dia persuadir as pessoas de que o socialismo não existe, porque muito antes da queda do muro de Berlim, a expressão o “socialismo actualmente existente” tinha já sido difundida como uma forma irónica de dizer que o que existia era um socialismo fraudulento, que aquele não era um verdadeiro socialismo. Nos seus artigos e conferências, desde os princípios dos anos 1970, André Gunder Frank confirma as suas crescentes dúvidas sobre a existência de algum verdadeiro socialismo.

André Gunder Frank vê o caso do capitalismo como muito diferente. Como toda a gente, da direita à esquerda, parece estar de acordo que o capitalismo existe e as divergências ocorrem apenas quanto à questão de saber se o capitalismo é uma coisa boa ou má, o anti-capitalismo parece ter ficado privado da bandeira ideológica que ele próprio inventou e acenou desde os dias de Marx. Ao converter o capitalismo em “bom”, torna-se mais difícil mobilizar opiniões contra ele com a tese de que é realmente mau, ou até, para usar a tese de Samir Amin, de que “o capitalismo que realmente existe” tem feições muito feias. Nesta situação, pergunta-se a si próprio: que fazer da devoção pessoal e profissional de uma vida inteira a combater o capitalismo, se este não existe como um sistema autónomo? André Gunder Frank já deu outros passos difíceis na sua busca científica pela coerência. Frente à

evidência histórica, André Gunder Frank recomenda que se tenha coragem para abandonar uma ou todas as posições que sejam incoerentes e obstáculos para acompanhar cientificamente a **continuidade** do processo histórico. Já se reconheceu nele a capacidade de transitar da ortodoxia economista de Chicago da sua alma-mater para ser um revolucionário em Chile!

Em conclusão, podemos dizer que temos em André Gunder Frank um economista e um sociólogo macro-historicista, para quem existe **um único sistema mundo** e **um único processo histórico**, que não podem ser reduzidos a últimos 500 anos. Alteram ou alternam-se as fases hegemônicas e as categorias ideológicas. Considera o surgimento de Europa e do Ocidente neste “sistema mundo” um fenômeno relativamente recente, e talvez efêmero. Diz-nos que Europa comprou o bilhete com a prata americana para entrar no comboio asiático. Desafia assim o eurocentrismo e oferece uma alternativa humanocêntrica. O seu estudo de casos que tivemos a oportunidade de rever neste breve ensaio cobrindo cinco mil anos fornece um pano de fundo histórico, não somente para escrever uma história do “mundo”, mas também para a experiência histórica – e contemporânea – de qualquer parte do globo em qualquer altura do tempo. Está convencido de que qualquer outra abordagem particularista, para não falarmos de nacionalista, ignorando o contexto abrangente da história do mundo, só pode resultar em preconceitos, não só eurocêntricos, mas também sino-, islamo-, afro-cêntricos. André Gunder Frank só acredita “francamente” numa história feita de uma só peça, que é ecocêntrica e humanocêntrica. Cita para nós o que disse Mikhail Gorbachev num seu discurso para as Nações Unidas, “há muita unidade na diversidade”.

Referências Bibliográficas

- [Bibliografia mais detalhada pode ser consultada nas duas grandes obras do autor citadas no texto]
- Abu-lughod, J., *Before European Hegemony. The World System AD 1250-1350*, New York, OxfordUniversity Press, 1989.
- Amin, S., *Eurocentrism*, London, Zed, 1989.
- Amin, S., Arrighi, G., Frank, A.G., and Wallerstein, I., *Transforming the Revolution: Social Movements and the World-System*, New York, Monthly Review Press, 1990.
- Blaut, J., “Where was capitalism born?” in *Radical Geography*, ed. R. Peet, Chicago, Maasoufa Press, 1977, pp. 95-110.
- Braudel, F., *Civilization and Capitalism*, 3 vols., New York: Harper & Row, 1981-84.
- Chaudhuri, K.N., *Asia Before Europe. Economy and Civilization of the Indian Ocean from the rise of Islam to 1750*, Cambridge, MA, Cambridge University Press, 1990.
- Childe, G., *What happened in History*, Harmondsworth, Pelican, 1942.
- Coedes, George, *The Indianized States of Southeast Asia*, ed. Walter F. Vella, Honolulu, University of Hawaii Press, 1968.
- Hodgson, M.G.S., *The Venture of Islam*, Chicago, Chicago University Press, 3 vols, 1974.
- McNeill, W.H., *The Rise of the West: A History of the Human Community*, Chicago, University of Chicago Press, 1963.
- North, D.C. and Thomas, R.P., *The Rise of the Western World. A New Economic History*, Cambridge MA, Cambridge University Press, 1973.
- Teggart, F.J., *Rome and China: A Study of Correlations in Historical Events*, Berkeley, University of California Press, 1939.
- Wallerstein, I., *The Modern World System*, 3 vols., New York: Academic Books, 1974-1980.

Referências Eletrônicas

http://csf.colorado.edu/agfrank/after_9_11.html

<http://wsarch.ucr.edu/archive/papers/gunder/prefreor.htm>

http://www.rrojasdatabank.info/agfrank/agf_internet.htm

http://www.rrojasdatabank.info/agfrank/pubs_new.html#allpub1